

ISABELA FELICIO PICCHI

O LIVRO ILUSTRADO COMO MEDIADOR DO ENSINO DE ARTES

Brasília
2018

ISABELA FELICIO PICCHI

O LIVRO ILUSTRADO COMO MEDIADOR DO ENSINO DE ARTES

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Lopes de Souza.

Brasília
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores que, ao longo de meu percurso acadêmico, despertaram em mim o interesse pela licenciatura e atuação em sala de aula, algo pelo qual nunca imaginei que fosse me interessar um dia, e a todos os professores que fizeram parte do meu percurso ao longo da vida e me ajudaram a crescer e a me tornar a pessoa que sou hoje. Ao meu orientador, pela paciência e disposição para me ajudar a desenvolver esta pesquisa da melhor maneira possível. Às professoras e à direção da Biblioteca Infantil 104/304 Sul, por todo o auxílio prestado.

Agradeço também aos amigos que de diferentes formas me ajudaram durante o processo de criação deste trabalho: à Lara, pelas ótimas sugestões; ao Felipe, por me ajudar nos períodos em que não estive bem; à Giulia, pelas conversas e estudos em dupla; à Vanessa, pelo empréstimo de um ótimo material de estudos, e a todos os meus amigos que tiveram paciência de me ouvir falar desta pesquisa ao longo de um semestre inteiro.

"We never know which lives we influence, or when, or why."

Stephen King

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma investigação acerca da utilização do livro ilustrado como uma maneira de contribuir com o ensino de artes visuais e o desenvolvimento estético do aluno, considerando a ilustração como uma influência visual importante e de forte presença no cotidiano e portanto na realidade dos mesmos. Primeiramente, apresenta-se um breve histórico da ilustração nos livros ilustrados infantis, seguido de um estudo acerca da presença do livro ilustrado como recurso de ensino-aprendizagem. É apresentada também uma proposta de ensino que se baseia em minha experiência com livros ilustrados em sala de aula e na pesquisa teórica desenvolvida.

Palavras-chave: ilustração literária; ilustração; literatura; aprendizagem; educação em artes visuais.

ABSTRACT

This research presents an investigation about the use of illustrated books as a way to contribute to the aesthetic development of the student and the teaching of visual arts, considering the illustration as an important visual influence of strong presence in the daily life and therefore in the reality of the students. First, a brief history of illustration in children's illustrated books is presented, followed by a study about the presence of the illustrated book as a teaching-learning resource. A teaching proposal based on my personal experience using illustrated books and the theoretical research developed is also presented.

Keywords: literary illustration; illustration; literature; learning; visual arts education.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1. A ILUSTRAÇÃO NO LIVRO INFANTIL.....	10
1.1 Escrevendo com imagens.....	12
1.2 A capa na literatura ilustrada infantil.....	17
2. O LIVRO ILUSTRADO NO ENSINO DE ARTES.....	23
2.1. Práticas realizadas em sala de aula.....	24
3. O LIVRO ILUSTRADO EM SALA DE AULA.....	29
3.1 A Escolinha de criatividade.....	29
3.1.1 <i>Propostas do projeto político-pedagógico da escola</i>	31
3.1.2 <i>Experiência em sala de aula</i>	32
3.1.3 <i>Análise da experiência na Escolinha de Criatividade</i>	38
4. PROPOSTA DE ENSINO.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Ilustração de <i>O Gato de Botas</i> , por Gustave Doré. 1867.....	11
Figura 2: Ilustração de <i>La course au renard</i> , por Géraldine Alibeu. 2004.....	13
Figura 3: Ilustração de <i>La course au renard</i> , por Géraldine Alibeu. 2004.....	13
Figura 4: Ilustração de <i>Lá vem o homem do saco</i> , de Regina Rennó. 2013.....	14
Figura 5: Ilustração de <i>Lá vem o homem do saco</i> , de Regina Rennó. 2013.....	15
Figura 6: Ilustração de Rapunzel, por David Hockney. 1970.....	16
Figura 7: Ilustração de <i>The Little Red Hen</i> , por Andy Warhol. 1958.....	16
Figura 8: Ilustração de <i>Alice no país das maravilhas</i> , por Salvador Dalí. 1969.....	17
Figura 9: <i>The History of Little Goody Two-Shoes</i> , de Thomas Carnan. 1783.....	18
Figura 10: <i>O Mágico de Oz</i> , de L. Frank Baum. Ilustrado por W.W. Denslow. 1900.....	19
Figura 11: <i>Cinderella</i> , ilustrado por Walter Crane. 1874.....	20
Figura 12: <i>Hey Diddle Diddle and Baby Bunting</i> , de Randolph Caldecott. 1882.....	21
Figura 13: Página de <i>Olivia</i> , de Ian Falconer. 2000.....	25
Figura 14: Página de <i>Olivia</i> , de Ian Falconer. 2000.....	26
Figura 15: Páginas do livro <i>Todo mundo é todo mundo</i> . 2015.....	28
Figuras 16 e 17: Sala ambiente da Escolinha de Criatividade. 2018. Arquivo pessoal.....	30
Figura 18: Ilustração do livro <i>As belas adormecidas (e algumas acordadas)</i> , de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. 2017.....	34
Figura 19: alunos realizando desenhos coletivos. 2018. Arquivo pessoal.....	35
Figura 20: Ilustração do livro <i>Visitando um zoológico</i> , por Madeleine Van der Raad. 2012.....	36
Figura 21: máscaras criadas pelos alunos da Escolinha de Criatividade. 2018. Arquivo pessoal.....	37
Figuras 22 e 23: Exercício da cápsula do tempo. 2018. Arquivo pessoal.....	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso teve como ponto de partida minha estima por Arte e Literatura, assuntos que me atraem desde a infância e tiveram grande papel em minha formação. Ao longo do curso de Artes Visuais pude explorar meu interesse por narrativas e ilustrações em diversas disciplinas, e logo comecei a investigar ilustrações e suas relações com o texto e a materialidade. Esse trajeto resultou na minha monografia de bacharelado em Artes Visuais, que apresentou uma investigação acerca da temática do Maravilhoso, responsável por inspirar diversas obras de arte e o gênero literário fantástico, além das origens do livro moderno, tendo como ponto central o livro ilustrado. Como parte desse trabalho realizado anteriormente, foi desenvolvido um livro ilustrado baseado em uma narrativa poética de Marie de France, o *Lai de Yonec*, em que tive a oportunidade de adaptar o texto original, deixando-o apropriado para o formato, e criar ilustrações que trabalhassem de maneira conjunta com o texto através de soluções visuais que o tornassem mais rico. Optei por dar continuidade à investigação acerca do livro ilustrado no presente trabalho, unindo meu interesse por esse formato às pesquisas acerca da utilização do mesmo como um recurso com potencial de auxiliar no ensino de Artes Visuais a crianças do ensino fundamental.

O presente trabalho de conclusão de curso foi dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo refere-se ao livro ilustrado infantil e à utilização de ilustrações como recurso narrativo, além de trazer um breve histórico da evolução da capa dos livros na literatura e como ela influenciou o mercado de literatura para crianças com os tratamentos estéticos dados.

O segundo capítulo expõe brevemente o histórico da disciplina de Artes Visuais nas escolas brasileiras e as dificuldades encontradas nesse trajeto e em seguida traz uma investigação acerca da utilização do livro ilustrado no ensino de Artes Visuais, apresentando trabalhos de alguns professores que utilizaram esse recurso em suas aulas como maneira de aprimorar o desenvolvimento estético dos alunos.

O terceiro capítulo narra a minha experiência utilizando o livro ilustrado em sala de aula e uma análise desse processo com base nas informações coletadas ao longo desta pesquisa.

Por fim, o quarto capítulo apresenta uma proposta de ensino que utiliza o livro ilustrado como material de ensino, desenvolvida a partir dos conhecimentos obtidos através das investigações apresentadas neste trabalho.

1. A ILUSTRAÇÃO NO LIVRO INFANTIL

Podemos pensar no livro ilustrado como um dos primeiros, se não o primeiro, contato com o universo da palavra escrita, seja essa parte de um conto, poema ou outra forma de texto. Estes são descritos por Linden (2011) como “obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente”. Com um mercado editorial voltado majoritariamente ao público infantil (LINDEN, 2011), o livro ilustrado geralmente apresenta abundância de imagens narrativas que tornam o processo de leitura mais descomplicado, pois nos livros voltados às crianças de menor faixa etária, por exemplo, há uma tendência a se empregar ilustrações que ocupam boa parte das páginas, acompanhadas de textos curtos e claros, comumente escritos em letras grandes e de fácil compreensão, ou em alguns casos texto algum, nos livros que podem também ser chamados de livro imagem (LINDEN, 2011). Texto e ilustração trabalham de maneira colaborativa através de diferentes soluções criativas de enquadramento e estilo, característica marcante desse tipo de publicação pela liberdade inventiva que ele oferece, mas exigindo ainda grande capacidade de interpretação e leitura. O raciocínio na criação do processo narrativo nesses casos se dá por meio dessas ilustrações, estimulando a comunicação e a imaginação através das mesmas. É também aguçada a curiosidade através das narrativas, despertando emoções e sentidos nas crianças que geralmente fazem com que elas queiram saber o que acontece em seguida, ou até mesmo após o final do livro, em um processo em que é trabalhada a imaginação e a criação de narrativas.

No âmbito do ensino de Artes Visuais, acredito que a inserção de livros ilustrados pode ser um recurso de ensino-aprendizagem com potencial de criação de interesse pela Arte – muitas ilustrações até mesmo atingiram o status de Arte empregado pelo sistema tradicional, como os trabalhos de Gustave Doré (Figura 1), por exemplo –, pois há certo fascínio entre as crianças pelas ilustrações apresentadas, geralmente bastante coloridas e atrativas. O estímulo ocorre de ambos os lados: a presença de ilustrações instigantes nos livros aticaria o interesse pela literatura, e a narrativa aticaria o interesse pela leitura e compreensão de imagens.



Figura 1: Ilustração de *O Gato de Botas*, por Gustave Doré. 1867. Fonte: <https://bit.ly/2Q7u9jf>. Acesso em: Novembro de 2018.

Pode-se relacionar o estímulo apresentado com a maneira como muitas obras de arte foram criadas a partir de textos literários, assim como há textos baseados na observação de obras de arte. A autora Paula Mastroberti (2014), por exemplo, tece relações entre Arte e Literatura através de uma reflexão lúdica acerca do livro ilustrado, argumentando a favor de uma proposta interdisciplinar de ensino em que este é favorecido pelas relações entre palavras e ilustrações. Mastroberti (2014) aponta que o uso de ilustrações como forma de representação reflexiva, utilizados

de maneira conjunta a anotações, foi comumente empregado como método de ensino e aprendizagem.

“Os próprios artistas – entre eles Leonardo da Vinci – desenvolviam essa relação com os esboços e anotações que antecediam o trabalho pictórico, organizados em livros de artista (*sketchbooks* ou *model books*). Em geral, esses livros eram utilizados por alunos como cartilha, manual ou enciclopédia visual, ou ainda como fonte para o desenvolvimento posterior do seu próprio estilo ou trabalho final.” (MASTROBERTI, 2014, pg. 171).

A partir de suas reflexões a autora questiona uma ideia arraigada sobre a origem da associação entre o livro ilustrado e o público infantil. Atribuía-se grande parte dessa conexão ao aumento do acesso à alfabetização, que por sua vez tornaria descartável a utilização de figuras para uma comunicação eficiente. No entanto, como aponta a autora, manuscritos indubitavelmente dirigidos a adultos continham pinturas intrincadas motivadas por simples função decorativa ou ilustrativa. Além disso, de modo geral, durante sua alfabetização a criança tinha acesso aos mesmos livros destinados ao público adulto, e mesmo após o surgimento da literatura infanto-juvenil os modelos gráficos que iniciaram o processo de formação do livro ilustrado como hoje conhecemos foram estabelecidos apenas no século XIX, sendo a estruturação da capa uma das mais expressivas mudanças (MASTROBERTI, 2014), a ser comentada ainda neste capítulo.

1.1 Escrevendo com imagens

A ilustração é comumente compreendida como um recurso visual que tem como objetivo fazer uma referência não verbal ao texto que ela acompanha, seja acrescentando informações, explicando-o ou simplesmente decorando-o. Pode ser realizada através de diferentes mídias, e é notável sua presença no cotidiano, como em jornais, livros e na publicidade. Apesar desse entendimento, há casos em que existe apenas a ilustração como informação visual, não havendo qualquer perda de conteúdo ou significado pela ausência total de um texto que a acompanhe, como no caso do livro ilustrado infantil *La course au renard*, de Géraldine Alibeu (Figuras 2 e 3).

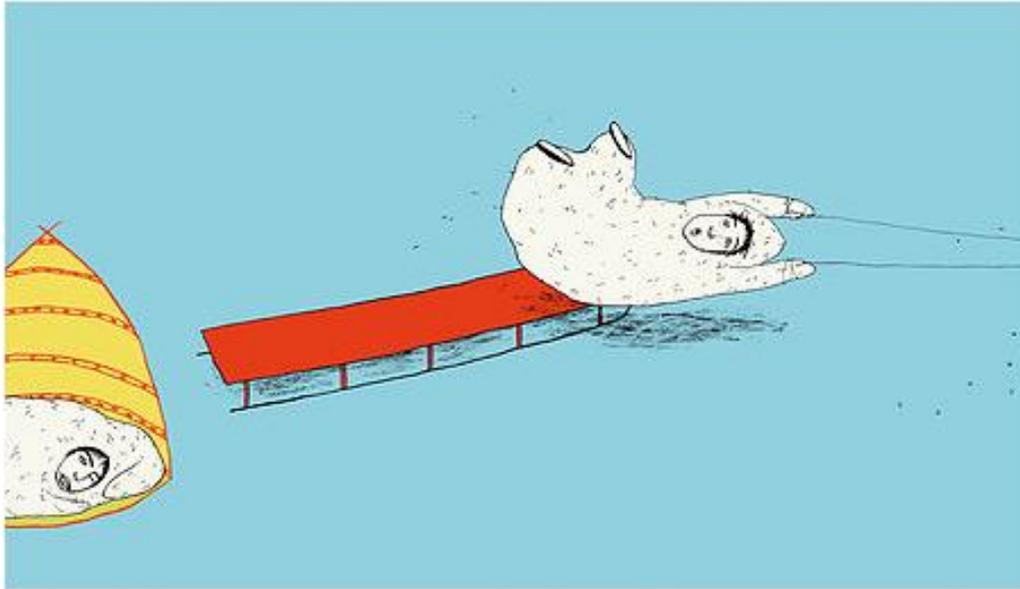


Figura 2: Ilustração de *La course au renard*, por Géraldine Alibeu. 2004.
 Fonte: <https://bit.ly/2PG94gi>. Acesso em: Novembro de 2018.



Figura 3: Ilustração de *La course au renard*, por Géraldine Alibeu. 2004.
 Fonte: <https://bit.ly/2PG94gi>. Acesso em: Novembro de 2018.

Neste trabalho, que tem como foco a literatura ilustrada infantil, a ilustração deve ser compreendida através de sua definição mais ampla, em que a imagem funciona não apenas como recurso narrativo, mas como elemento apto a proporcionar uma experiência estética capaz de engrandecer o repertório visual do leitor através das composições e elementos plásticos utilizados. Além disso, é comum que dentro da literatura ilustrada infantil também sejam exploradas

diferentes maneiras de se apresentar imagens próprias do imaginário das crianças, através de composições que tentam emular a perspectiva das mesmas. Pascolati (2017) realiza uma análise que exemplifica bem essa questão ao escrever sobre o livro *Lá vem o homem do saco* (Figuras 4 e 5), de Regina Rennó, que apresenta como figura principal um personagem do imaginário infantil através do olhar das crianças.

“A personagem Homem do Saco é construída pelo olhar da criança e isso é explicitado de modo figurativo, uma vez que a primeira imagem é do homem passando em frente a uma casa de cuja janela um garotinho espia. Ao contrário da capa, agora o homem tem rosto, vê-se o saco por completo, mas não se vê nada mais do tórax para baixo. Quem dá rosto à personagem é o olhar da criança que espia pela janela e nessa primeira imagem – a criança vê o homem de costas – ele tem um rosto inexpressivo, o que se repete na segunda ilustração, na qual outro menino também vê o homem de costas, caminhando pela rua. A expressão facial das primeiras crianças é um misto de curiosidade e receio. Já as duas próximas crianças são meninas cuja expressão facial – olhos arregalados, boca aberta, desejo de esconder-se por trás da janela – deixam clara a presença do medo em lugar da curiosidade misturada a receio dos meninos.” (PASCOLATI, 2017, p. 248).



Figura 4: Ilustração de *Lá vem o homem do saco*, de Regina Rennó. 2013.
Fonte: <https://bit.ly/2DveMdz>. Acesso em: Novembro de 2018.



Figura 5: Ilustração de *Lá vem o homem do saco*, de Regina Rennó. 2013.
Fonte: <https://bit.ly/2DveMdz>. Acesso em: Novembro de 2018.

As ilustrações transmitem bem a desconfiança e medo infantil da misteriosa figura criada pelos adultos para amedrontá-las, representado de maneira ameaçadora a cada página, para por fim ser revelado como um artista de rua que alegra a cidade com seu acordeão em imagens coloridas que representam a nova visão das crianças da história sobre o homem que passava.

O livro ilustrado é também um suporte de grande popularidade entre artistas plásticos devido às inúmeras possibilidades criativas que ele traz, podendo ser de tamanhos e formatos diversos, além de oportunizar experimentações com as próprias características materiais desse suporte, como a mudança de páginas e a página dupla, e contribuindo diretamente para a evolução do aspecto visual dos livros ilustrados infantis com o passar dos anos e, conseqüentemente, com o repertório visual e desenvolvimento estético do leitor. Entre os artistas que ilustraram exemplares de algumas obras, podemos encontrar nomes como David Hockney (Figura 6), Andy Warhol (Figura 7) e Salvador Dalí (Figura 8), entre muitos outros.

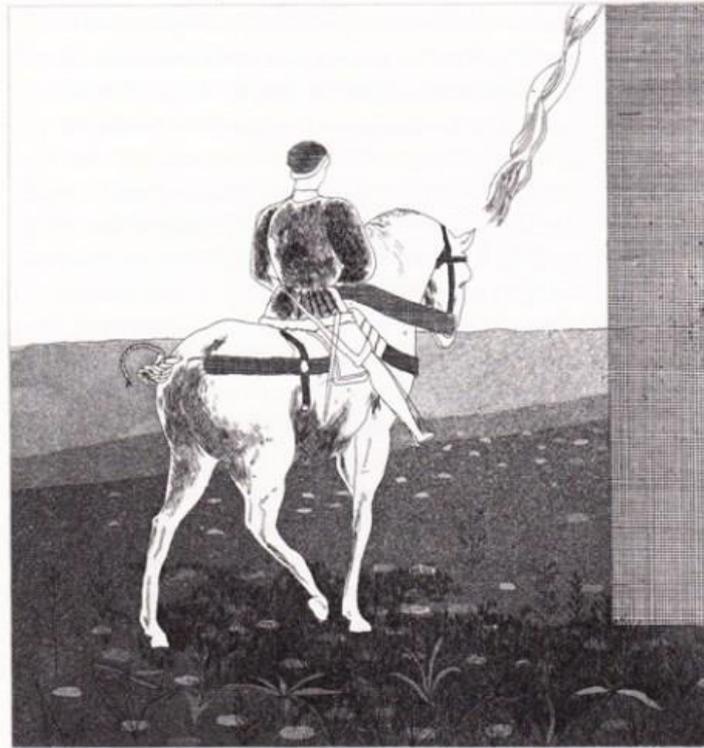


Figura 6: Ilustração de Rapunzel, por David Hockney. 1970.
 Fonte: <https://bit.ly/2h2jGjk>. Acesso em: Dezembro de 2018.

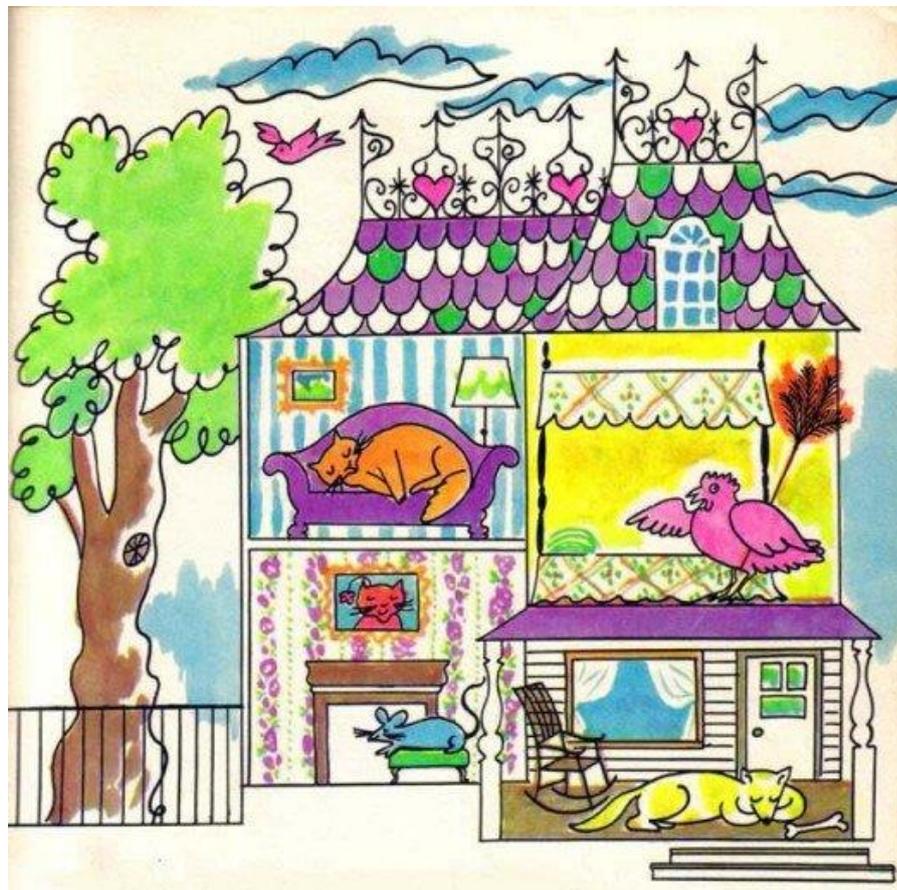


Figura 7: Ilustração de *The Little Red Hen*, por Andy Warhol. 1958.
 Fonte: <https://bit.ly/2QVVbGU>. Acesso em: Novembro de 2018.



Figura 8: Ilustração de *Alice no país das maravilhas*, por Salvador Dalí. 1969.
Fonte: <https://bit.ly/2DNW5m7>. Acesso em: Novembro de 2018.

1.2 A capa na literatura ilustrada infantil

Antes do século XIX os livros geralmente possuíam uma capa temporária que deveria ser substituída por uma capa de couro pelos próprios compradores a fim de preservar os livros. Essas capas continham apenas informações básicas sobre a obra, como o título do livro e o nome do autor impressos, com talvez uma pequena decoração acompanhando. A ideia de uma capa decorada com ilustrações surgiu

com a criação dos *chapbooks* no século XVI: estes eram pequenos livros impressos em uma folha de papel barata que era dobrada em poucas páginas, e devido ao baixo preço e à grande quantidade de *chapbooks* que apresentavam histórias com elementos maravilhosos como fadas e gigantes, esse tipo de edição se popularizou entre as crianças, surgindo logo *chapbooks* com capas decoradas com atrativas xilogravuras (Figura 9), tornando a ilustração de capa um elemento diretamente associado ao público infantil (POWERS, 2008).



Figura 9: *The History of Little Goody Two-Shoes*, de Thomas Carnan. 1783. Fonte: POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Houve grande investimento na produção de livros infantis por parte de editores que perceberam um crescente aumento no consumo de livros destinados a

esse público, utilizando de elementos atrativos às crianças para impulsionar ainda mais as vendas, como ilustrações de capa coloridas e pacotes que vendiam um livro juntamente a um brinquedo (POWERS, 2008). A busca por maneiras de fugir dos meios convencionais e atrair cada vez mais as crianças resultou na experimentação de diversos materiais para compor os livros infantis, como a utilização de papelão grosso como base para a capa, ou até mesmo belas caixas de madeira decoradas com versões em miniatura de livros. A encadernação em tecido se popularizou assim que surgiu em meados de 1820 pela facilidade de produção e por permitir fácil tratamento decorativo ricamente ornamentado (Figura 10), e, seguindo a tendência dos livros destinados às crianças, os livros para adultos passaram a ser cada vez mais decorados em suas capas.

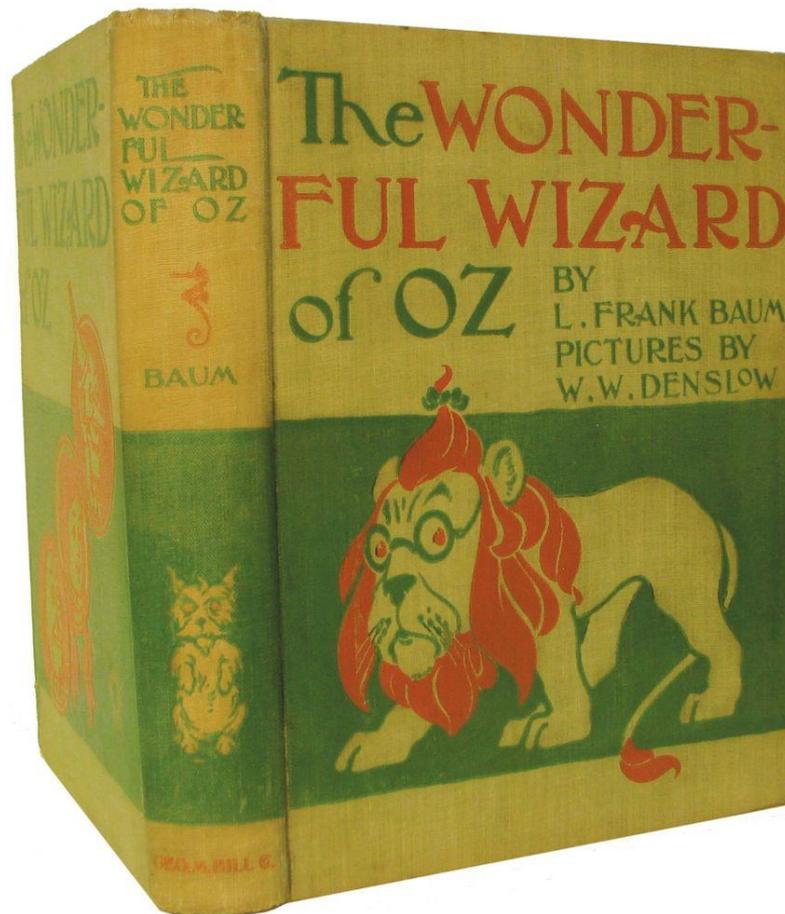


Figura 10: *O Mágico de Oz*, de L. Frank Baum. Ilustrado por W.W. Denslow. 1900.
Fonte: <https://bit.ly/2B9p8hC>. Acesso em: Novembro de 2018.

O tratamento estético dado às capas dos livros voltados ao público infantil muitas vezes ainda se assemelhava àquele dado aos livros adultos, exibindo decorações abstratas e padronagens típicas da década de 1830, tendo na adição de

cores chamativas a diferenciação entre os públicos alvos. Esse cenário sofreu uma mudança significativa apenas a partir da segunda metade do século XIX, quando notabilizou-se o livro-brinquedo, produzido de maneira colorida e chamativa, que ajudou a popularizar ilustradores como Walter Crane (Figura 11) e Randolph Caldecott (Figura 12) e abriu espaço para uma concepção mais artística do livro, surgindo então os livros-presente, considerados artigos de luxo (POWERS, 2008).

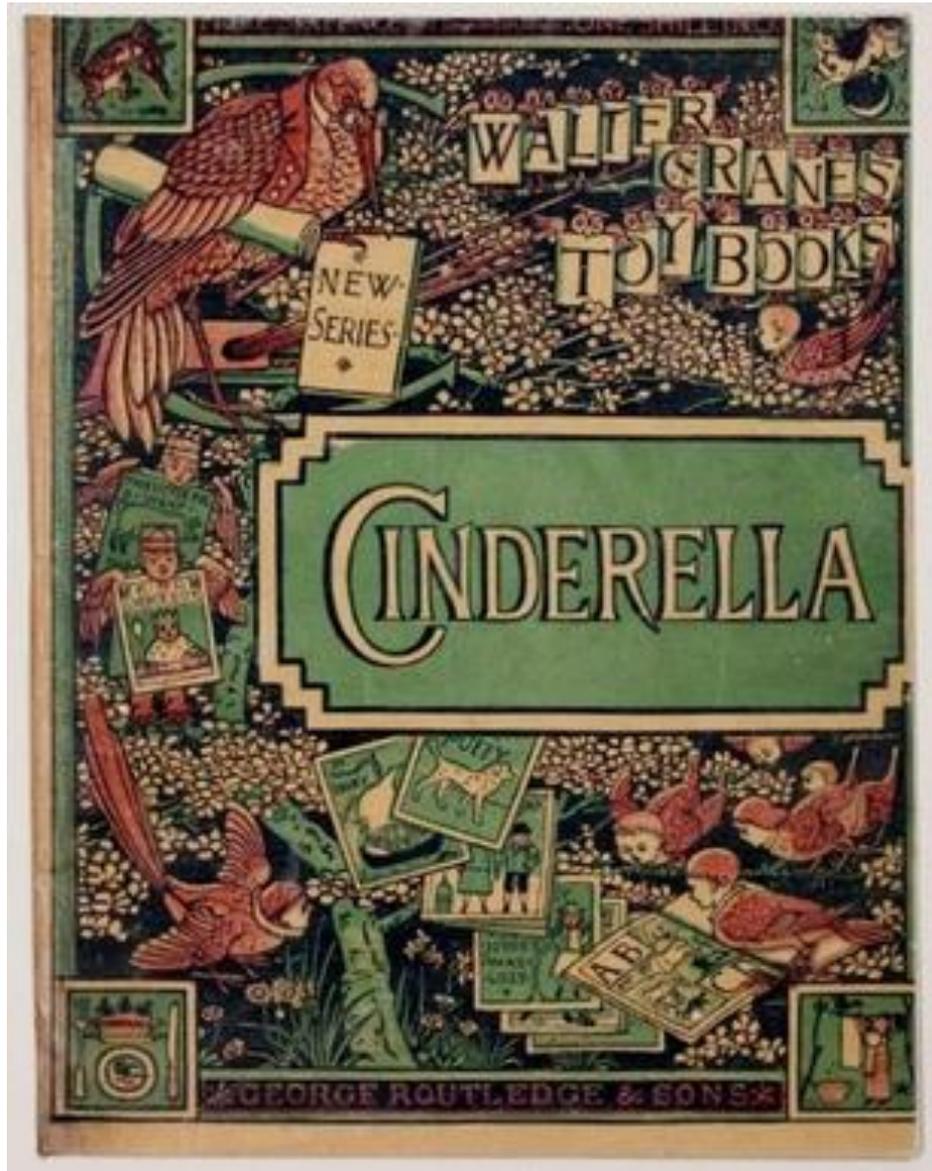


Figura 11: *Cinderella*, ilustrado por Walter Crane. 1874.
Fonte: <https://bit.ly/2FrAba5>. Acesso em: Novembro de 2018.

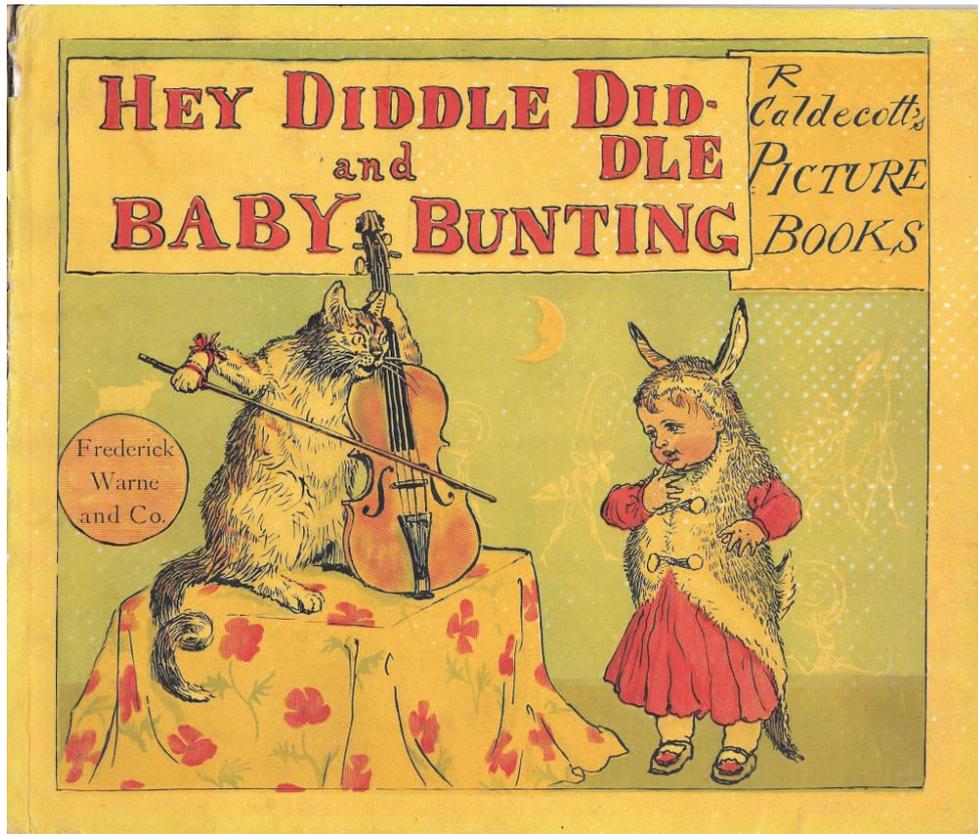


Figura 12: *Hey Diddle Diddle and Baby Bunting*, de Randolph Caldecott. 1882.
 Fonte: <https://bit.ly/2FmfBYJ>. Acesso em: Novembro de 2018.

O início do século XX foi o cenário de expressiva mudança nas capas dos livros infantis: embora já fossem comuns, por questões econômicas a sobrecapa de papel foi largamente difundida e passou a ser o aspecto de maior importância estética do livro. Anteriormente essas sobrecapas apresentavam apenas informações básicas sobre a obra e às vezes uma reprodução da arte da capa, sendo sua maior função proteger o exemplar. Porém, a partir da década de 1920 percebeu-se o potencial comercial da aparência do livro, e a sobrecapa de papel permitia a impressão de desenhos intrincados de maneira barata e eficiente, fazendo com que os editores pensassem na qualidade do livro como um todo e se sentissem estimulados a experimentar diversos projetos gráficos. A produção de livros infantis também foi estimulada nessa época devido ao crescente interesse por esse tipo de literatura, impulsionado pelo surgimento de prêmios como a Medalha Newbery e a Medalha Caldecott, que premiam respectivamente livros infantis e livros ilustrados notáveis (POWERS, 2008).

Com o passar das décadas houve grande evolução nos processos de impressão e conseqüentemente na maneira como as capas foram tratadas graficamente, porém mantendo-se sempre a tendência a produzir livros infantis com capas coloridas e elaboradas que não apenas chamassem a atenção do público alvo, mas exibissem o projeto visual realizado pelo artista do exemplar. O livro ilustrado é comumente pensado não apenas como meio de suporte para histórias, mas também como objeto lúdico e de valor artístico que frequentemente agrada a diversos públicos. Grande parte das vezes é através da persuasão da arte da capa que surge o interesse na leitura de um exemplar, levando ao contato da criança com diferentes estilos artísticos empregados nas ilustrações do miolo.

2. O LIVRO ILUSTRADO NO ENSINO DE ARTES

O ensino de Artes Visuais no Brasil passou por modificações ao longo dos anos através de diferentes abordagens que refletem a percepção social sobre seu ensino e importância. Inserida nas escolas pela Lei de Diretrizes e Bases de 1971, a Educação Artística propunha o ensino de artes plásticas, música e teatro de maneira recreativa, sendo obrigatória nos currículos plenos de primeiro e segundo grau. A formação dos professores de Educação Artística na época apresentava conhecimento de técnicas que seriam ensinadas nas escolas através de atividades com base em desenho geométrico e desenho de observação, além de história da arte. O papel social das artes e sua importância no desenvolvimento do indivíduo também estavam incluídos na formação dos professores (BRASIL, 1971).

Prandini (2000) identifica pontos que indicam que a maneira como as Artes Visuais eram ministradas e o fato de não ser formalmente uma disciplina contribuíram com a ideia de que o ensino de artes não tinha o mesmo valor e importância de outras áreas do conhecimento. A inserção dessa área do conhecimento no currículo escolar ocorreu nos anos posteriores, através da LDB 9394/96 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes, que têm como principal referência a Abordagem Triangular de Barbosa (2007), a qual busca articular três eixos norteadores do ensino e aprendizagem de artes: contextualização histórica, fazer artístico e produção artística (BRASIL, 1996).

A abrangência das propostas apresentadas pelos PCNs de Artes permite que o educador disponha de certa liberdade na maneira de abordar as linguagens artísticas, dentro dos princípios estabelecidos pelos projetos político-pedagógicos de cada escola. Faz-se essencial, portanto, que haja a participação de toda a comunidade escolar na discussão e elaboração de alternativas referentes ao processo de ensino e aprendizagem, e na criação de metodologias que orientem a prática em sala de aula. No entanto, percebo essa ideia como algo de difícil viabilização dentro do cenário escolar atual, pois embora a disciplina de Artes Visuais tenha sido legalmente reconhecida, na prática ainda há um forte resquício da opinião de que se trata de uma área de pouca importância, refletindo-se em baixa valorização do profissional de Artes Visuais, poucas horas de aula e falta de um espaço adequado e materiais para o ensino nas escolas.

O ensino de Artes Visuais é extremamente necessário na formação do sujeito não apenas dentro da esfera intelectual, mas também nos aspectos sensíveis e sociais, sendo um importante instrumento de manifestação cultural e criativa. Ao longo da graduação tive diversas experiências dentro do ambiente escolar, dentro e fora de estágios, onde pude entrar em contato com diferentes práticas educativas que objetivam facilitar e propor caminhos para o ensino de Artes Visuais e o desenvolvimento estético. Próxima ao final do curso e movida pelo meu interesse por literatura, busquei por trabalhos de educadores que se utilizaram de livros ou livros ilustrados para instigar os alunos, chegando assim à próxima parte deste trabalho e à experiência de estágio descrita no capítulo 3.

2.1 Práticas realizadas em sala de aula

Compreendo o livro ilustrado como um objeto de grande valor e potencial de utilização em sala de aula, pois este possui o potencial de colaborar com o crescimento do repertório visual, com o processo de sensibilização do sujeito, com a capacidade imaginativa e com ricas experiências estéticas.

“[...] trata-se de um objeto onde verbo e imagens se conjugam a fim de produzir um efeito narrativo e/ou poético único sobre o sujeito leitor. Para além do decodificar da palavra, este deve também interagir com formas, cores, texturas diversas, reunindo-as em sua consciência cognitiva e atribuindo-lhes significados conforme horizontes não apenas verbais (configurados a partir de outras leituras), mas estéticos e/ou sensoriais (configurados a partir das experiências sensíveis ou sinestésicas).” (MASTROBERTI, 2010, p. 219)

Acredito que o estímulo sensorial causado pelo contato com um livro ilustrado auxilia no desenvolvimento de um aprendizado expressivo e investigativo como o defendido por Lowenfeld (1977), em que a criança é levada a interpretar e trabalhar com elementos apresentados de maneira livre, sem respostas certas ou erradas, expressando sentimentos através de suas produções e aprimorando seu desenvolvimento intelectual, emocional e estético.

Em relação ao ensino de história da arte, Zimmerman e Oliveira (2008) destacam que há diversos livros ilustrados que apresentam obras de artistas consagrados em suas páginas, como no caso de *Olívia* (Figuras 13 e 14), de Ian

Falconer, que apresenta obras dos artistas Jackson Pollock e Edgar Degas em suas páginas, podendo ser utilizado como ferramenta para despertar o interesse sobre os artistas aos alunos do ensino fundamental.

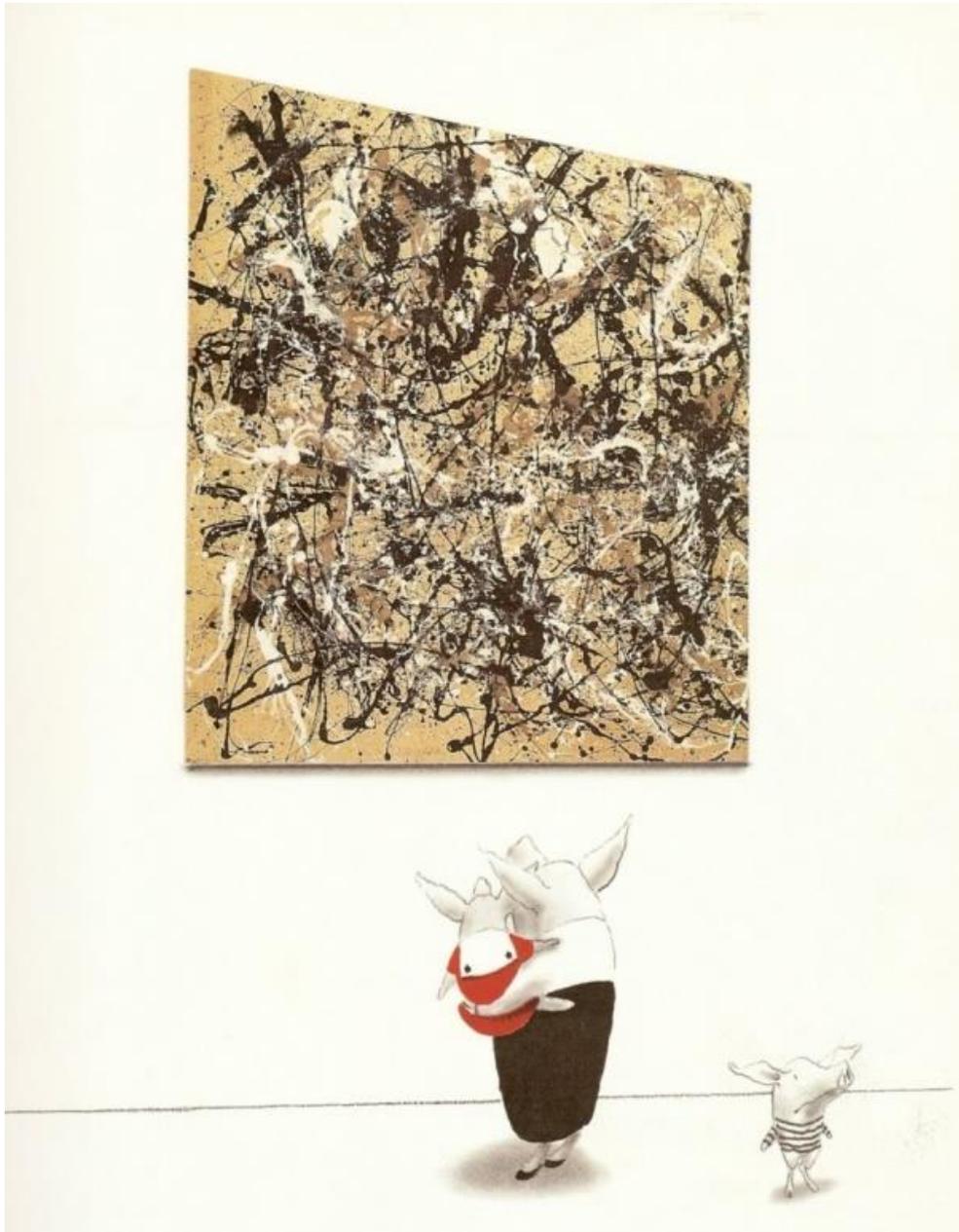


Figura 13: Página de *Olivia*, de Ian Falconer. 2000.
Fonte: <https://bit.ly/2DFgpFG>. Acesso em: Outubro de 2018.



Figura 14: Página de *Olivia*, de Ian Falconer. 2000.
Fonte: <https://bit.ly/2PNQenq>. Acesso em: Outubro de 2018.

As educadoras brasileiras Deise Carelli e Layla Martins de Aquino (2013) descrevem o levantamento de dados realizado com crianças de 6 a 9 anos acerca das relações emocionais criadas com as imagens dos livros ilustrados. De acordo com as autoras é importante compreender como se dá a percepção infantil e o diálogo em relação às imagens passadas pelos adultos, pois

“Em livros e em outros meios de aplicação de ilustrações infantis, por vezes o público-alvo, as crianças, são negligenciadas, não participando do processo de desenvolvimento do produto. Escritores, editoras e os próprios

ilustradores realizam o que consideram adequados às idades e ao gosto infantil. Há muito pouca literatura sobre o assunto. Segundo Arizpe e Styles (2003), há poucas tentativas válidas em perguntar às crianças sobre o modo como realizam a leitura e a visualização de um texto verbo-visual sendo realizadas. Pouco ainda se leva em consideração também, o modo como percebem a relação entre os textos e as imagens”. (CARELLI; DE AQUINO, 2013, p. 52)

Nesse experimento, as autoras levaram as turmas à biblioteca municipal da cidade de Cruzeiro, São Paulo, onde puderam observar que tipo de livros e características atraíam cada faixa etária, tendo as crianças mais novas preferência por livros com ilustrações mais coloridas, textos curtos e capas chamativas, e as crianças de 8 e 9 anos preferência por textos maiores, quadrinhos e ilustrações realistas. Em seguida realizaram com as turmas a leitura e contextualização de imagens de três livros ilustrados, sem que fosse lido o texto, e os alunos disseram o que compreenderam de cada ilustração, para apenas depois os textos serem lidos. Por fim, os alunos criaram desenhos de memória baseados em sua compreensão das ilustrações apresentadas. Os livros utilizados foram: *O Matador*, de Wander Piroli; *Gildo*, de Silvana Rando; e *Já Já: A História de uma árvore apressada*, de Paulo Rea, bastante distintos em conteúdo e estilo de ilustração. São descritos resultados interessantes, como a associação dos alunos entre cores, expressões faciais dos personagens e sentimentos, além da maneira como formas e texturas influenciaram no entendimento de cada história.

Em seu trabalho de conclusão de curso, Mayara Suellen de Araújo Silva (2015), realizou uma atividade em que alunos do primeiro ano do ensino fundamental foram colocados em contato com diversos livros ilustrados na biblioteca da escola e examinaram suas formas, cores e composições. Também foram analisados livros que continham exclusivamente imagens e um debate acerca dos mesmos foi promovido. Após, a autora realizou a leitura em grupo do livro *Uma história de amor sem palavras*, de Rui de Oliveira, para buscar compreender como se dava a transmissão de significados às crianças através de imagens.

“[...] de início, as crianças souberam, principalmente, reconhecer as emoções dos personagens demonstradas pelas expressões. Algumas designaram a figura de um jovem de armadura e coroa como sendo o “Príncipe”, e quiseram dar nomes a outras personagens também, como “o Senhor Folha”, “a Fada Ervilha” e “a Montanha-Caverna”, por causa de suas aparências nas ilustrações. É interessante perceber como a leitura do livro de imagem fluiu para os alunos, pois mesmo não havendo palavras para nomear ou descrever cada personagem, eles se dispuseram a distingui-los e entender o papel de cada um”. (SILVA, 2015, p.34)

Dando continuidade à atividade, foi proposto aos alunos que realizassem em conjunto um livro artesanal, composto por autorretratos produzidos pelas próprias crianças, que serviria também como objeto lúdico ao permitir que os retratos se completassem devido ao recorte feito nas páginas. O livro, intitulado *Todo mundo é todo mundo* (Figura 15), posteriormente foi colocado na biblioteca de escola.



Figura 15: Páginas do livro *Todo mundo é todo mundo*.
Fonte: <https://bit.ly/2Agpv8v>. Acesso em: Outubro de 2018

Em *The use of picture books in the high school classroom: a qualitative case study* (2011), Melissa Reiker explora o potencial do livro ilustrado como objeto de aprendizagem para o ensino médio, alegando que o caráter visual desses livros pode colaborar no interesse e na compreensão de mensagens de alunos mais velhos tão bem quanto de crianças mais novas. De acordo com a autora, a experiência estética experimentada com o uso dessa mídia pode atrair os jovens tanto quanto jogar videogames. Em seu trabalho ela relata a aplicação da leitura de livros ilustrados pertinentes em aulas de Geografia e Literatura de escolas norte americanas, e declara nos resultados obtidos que houve mudanças expressivas no comportamento dos estudantes, que se mostraram mais articulados, sensíveis e interessados durante as aulas.

3. O LIVRO ILUSTRADO EM SALA DE AULA

3.1 A Escolinha de Criatividade

Ao longo da minha graduação tive a oportunidade de passar por diferentes experiências em sala de aula tanto em escolas públicas quanto escolas particulares através de saídas de campo e estágios realizados para a conclusão de disciplinas. Essas experiências ocorreram juntamente ao desenvolvimento do que viria a ser o meu trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Artes Visuais, que teve como foco o desenvolvimento de um livro ilustrado, interesse que partiu das minhas experiências pessoais. Logo, decidi estender esse processo ao meu trabalho na licenciatura. Essa decisão resultou na vivência de estágio realizada na disciplina Estágio Supervisionado 3, em que tive contato direto com a utilização de livros ilustrados como principal meio de ensino de Artes Visuais, e que descreverei a seguir.

As aulas foram ministradas na Escolinha de Criatividade da Biblioteca Infantil das quadras 104/304 Sul, em Brasília. Essa escola oferece aulas de Artes Visuais a alunos de 6 a 10 anos tanto da rede pública quanto da particular, que devem ser matriculados nos meses de julho e dezembro pelo custo de 40 reais por mês. Há turmas de manhã e à tarde, com encontros ministrados por professores de artes e literatura duas vezes por semana, a biblioteca conta com empréstimo gratuito de livros, atendimento, gibiteca e periódicos diversos e orientação a pesquisas escolares. As instalações contam com dois ambientes dentro de um grande salão: de um lado fica a biblioteca propriamente dita, com estantes, livros, mesas e cadeiras. Do outro lado fica a sala ambiente (Figuras 16 e 17), destinada às aulas de Artes Visuais da escolinha, com dois ventiladores, quatro grandes fileiras de mesas quadradas e banquinhos, computador para o professor, projetor, armários com diversos tipos de materiais criativos, estantes, televisão, teatro de fantoches, mural com trabalhos dos alunos, pia com duas torneiras, materiais de limpeza, grade para secagem de trabalhos, aventais, lixeiras com coleta seletiva e cortinas. Ao fundo do salão há uma copa e computadores para uso dos professores, além de um cubículo onde se encontra a Direção. No centro do salão há um pequeno canteiro, e no teto há aberturas para a entrada de luz natural.



Figuras 16 e 17: Sala ambiente da Escolinha de Criatividade. 2018. Arquivo pessoal.

A biblioteca fica localizada em uma área residencial, ao lado de uma escola de inglês própria para crianças, quadras de esportes, área verde e comércio. A participação da comunidade é ativa, mas os próprios professores dizem não haver muito conhecimento da população brasiliense sobre a existência da Escolinha de Criatividade, ainda que haja sempre muitas matrículas. É possível visitar o local e utilizar o espaço livremente, e os pais dos alunos são convidados a participar de atividades diversas. A Escolinha de Criatividade também organiza todo semestre um Sarau Literário aberto ao público, com a presença de contadores de histórias, músicos, e trabalhos e apresentações dos alunos da escola, além de outros eventos.

Os alunos da Escolinha de Criatividade, em sua maioria, possuem boas condições financeiras e vivem em locais de baixo risco. Apesar de alunos de instituições públicas terem preferência de matrícula, as professoras dizem que são pouquíssimos os alunos dessas instituições que se matriculam. O estágio foi realizado em duas turmas, sendo uma destinada a alunos de 8 a 10 anos e a outra destinada a alunos de 6 e 7 anos.

3.1.1 Propostas do Projeto Político-Pedagógico da Escola

A Escolinha de Criatividade é um espaço público de livre utilização, que busca a democratização dos saberes e acesso à informação, de acordo com o Plano Nacional do Livro e Leitura, orientações da CONAE, entre outros. Os projetos desenvolvidos surgem da demanda dos alunos e atendem às orientações da Secretaria de Estado de Educação.

O embasamento filosófico e pedagógico do PPP é movido pelos ideais humanísticos que pregam a solidariedade, a liberdade, a responsabilidade, a construção da cidadania, a interdisciplinaridade e a contextualização. São incentivadas todas as linguagens e a curiosidade investigativa e destaca-se a posição dos professores baseada em ouvir, ao invés de falar. Tem como base as ideias de Vygotsky e sua teoria estética fundamentada no impacto causado pela leitura de obras literárias.

No PPP da Escolinha de Criatividade são apresentados os propósitos de promover atividades pedagógicas de fomento às artes, leitura, criatividade, informação e cultura, através de um plano de ação que objetiva “desenvolver o pensamento criador do aluno e sua capacidade de expressão imagética, apresentar propostas diversificadas, promover adequação do planejamento pedagógico atendendo à pluralidade dos alunos, edificar a autoconfiança do aluno, ampliar as possibilidades de comunicação e expressão dos alunos, oportunizar a familiarização do aluno com a literatura e a ilustração, desenvolver competências relacionadas aos eixos transversais, promover eventos que incentivem a valorização de manifestações artísticas e literárias, conservar o espaço físico, manter um acervo de qualidade e atualizado, manter parceria com o Instituto Histórico e Geográfico, e manter parceria com o Museu Vivo da Memória Candanga”. (DISTRITO FEDERAL p. 38-44).

O professor deve criar situações que favoreçam a linguagem oral dos alunos e também a linguagem afetiva, dando espaço à exposição de opiniões e pontos de vista. Semanalmente as professoras se reúnem para avaliação própria e também do desempenho dos alunos, e estratégias são direcionadas para o desenvolvimento das próximas atividades. O progresso dos alunos é avaliado ao longo do processo, a partir de indicadores como fluência de ideias, uso da linguagem, psicomotricidade,

raciocínio lógico e abstrato, capacidade de análise e síntese, relacionamento interpessoal e habilidades sociais.

3.1.2 Experiência em sala de aula

Ao longo das aulas fui supervisionada por três professoras de Artes Visuais, que trabalham simultaneamente e revezando-se para ministrar ou monitorar com o objetivo de fornecer a atenção e suporte adequados aos alunos. Anteriormente à aula de artes, as turmas têm uma “hora do conto” ministrada por uma professora de Literatura, que seleciona livros ilustrados infantis juntamente à equipe pedagógica e os lê para os alunos, enquanto mostra as ilustrações e realiza perguntas que instiguem a curiosidade dos estudantes. As professoras de Artes Visuais trabalham em conjunto com a professora de Literatura para que os exercícios tenham relação com o livro que está sendo trabalhado.

As aulas foram ministradas nas turmas A e B, às segundas e quartas-feiras no período matutino. A turma A possuía poucos alunos ativos, cerca de 6, e as professoras disseram ser normal a primeira turma do dia ser mais vazia por conta do horário. Os alunos possuíam de 8 a 10 anos, estudavam em escolas particulares e eram extremamente tranquilos e concentrados, tendo facilidade para compreender os exercícios propostos. A segunda turma possuía cerca de 20 alunos ativos, tendo eles 6 e 7 anos. A esmagadora maioria estudava em escolas particulares, havendo apenas três alunos de instituições públicas. Diferente dos alunos mais velhos, essa turma em geral era mais impaciente na hora de ouvir e realizar as tarefas propostas: por mais que gostassem do exercício, eles queriam ter logo um resultado final. Durante a explicação teórica era necessário retomar a atenção deles várias vezes, e caso o material criativo já estivesse distribuído muitos deles começariam a trabalhar sem as orientações. De acordo com as professoras, uma característica da maioria dos alunos dessa faixa etária que se matricula na Escolinha de Criatividade é a dificuldade motora para diversas tarefas simples que, de acordo com elas, eles já deveriam conseguir fazer sozinhos, como saber segurar uma tesoura ou um pincel. São bastante dependentes e mais inseguros em seus trabalhos, e me chamavam a todo momento para avaliar.

Ao longo do estágio os planos de aula foram elaborados de forma a se relacionarem com os livros propostos no momento de leitura anterior à aula de artes, fazendo um paralelo com o trabalho realizado pelo grupo Nova Iorque Kids of Survival (K.O.S.), inteiramente composto por jovens que criavam obras a partir da leitura de textos literários como *Moby Dick* e *1984* e a discussão promovida por eles com a mediação do artista e educador Tim Rollins. O grupo surgiu a partir da ideia de Rollins de criar um método alternativo de ensino que combinasse Arte e Literatura, de forma a ajudar os alunos com dificuldade de aprendizagem e promover noções de cidadania, de maneira semelhante ao que se é proposto no PPP da Escolinha de Criatividade. Por meio da leitura, incentiva-se a imaginação. Eis, abaixo, o plano para a primeira aula ministrada por mim:

AULA 1: CRIAÇÃO DE PERSONAGEM (25/04/2018)

OBJETIVOS: Ao final da aula o aluno deverá ser capaz de:

- Trabalhar em equipe na criação de um final alternativo para a história trabalhada e na criação de um desenho coletivo;
- Realizar um desenho de grande proporção com os materiais sugeridos.

MATERIAIS: Papel pardo grande, giz de cera, giz pastel oleoso, canetinha.

- Pedir para que as crianças formem duplas ou grupos de 3 pessoas, dependendo da quantidade de alunos. Cada grupo terá uma folha de papel pardo grande.
- Com o papel no chão, deve ser feito o contorno do corpo de um dos membros do grupo com o uso de giz de cera.
- Cada grupo criará e desenhará no papel pardo, usando o contorno do corpo como base, uma versão alternativa da personagem Bela Adormecida, inspirados pelo livro trabalhado na hora do conto: *As Belas Adormecidas (e algumas acordadas)*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. *As Belas Adormecidas (e algumas acordadas)*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

O livro escolhido pela equipe pedagógica tinha como objetivo trabalhar a ideia de identidade com as crianças, e mostrava versões alternativas à clássica história da Bela Adormecida (Figura 18).



Figura 18: Ilustração do livro *As belas adormecidas (e algumas acordadas)*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. 2017. Fonte: <https://bit.ly/2TFoJe0>

O primeiro plano de aula teve como mudança apenas que foram formados grupos maiores que o planejado na segunda turma, por conta da quantidade de alunos. Também não ocorreu o uso de giz pastel por haver pouca quantidade do material para realizar desenhos tão grandes. Correu tudo bem durante a execução do plano nas duas turmas, apesar da segunda estar extremamente agitada, e tivemos belos desenhos como resultado. A primeira turma era bem pequena, então foi feito apenas um desenho, que após eu perceber que seguia um padrão estereotipado (personagem branca, loira e de olhos azuis para representar a versão alternativa de uma princesa, A Bela Adormecida, que na versão da turma virou uma aventureira da floresta) pedi na turma seguinte que pensassem em diferentes cores de pele, cores e formatos de cabelo, formatos de corpo e etc. Assim surgiram mais três personagens (a cientista, a palhaça e a borboleta), que apresentaram cores e formatos diversos. Na segunda turma os alunos optaram por trabalhar no chão (Figura 19).



Figura 19: alunos realizando desenhos coletivos. 2018. Arquivo pessoal.

AULAS 2 E 3: MÁSCARAS DE ANIMAIS (02/05/2018 – 07/05/2018)

OBJETIVOS: Ao final das aulas o aluno deverá ser capaz de:

- Criar uma máscara baseada nos animais apresentados no livro trabalhado no momento do conto;
- Reconhecer algumas diferenças e semelhanças que identifiquem cada animal;
- Compreender as principais funções de uma máscara.

MATERIAIS: Pratos de papelão, barbante, fita crepe, tesoura, tinta guache, lápis, borracha, pincel.

- Com o auxílio do projetor, apresentar aos alunos imagens que mostrem diferentes funções de uma máscara (ex: disfarce; símbolo de identificação; participação em rituais; etc) e falar brevemente sobre cada uma. Em seguida, mostrar exemplos de máscaras feitas com o material a ser utilizado para ajudá-los na compreensão do exercício.
- Pedir para que cada aluno escolha um animal e desenhe o rosto do mesmo no prato. Após, cada aluno deve recortar os espaços para os olhos e o formato desejado para a máscara, para em seguida começarem a pintura com guache.
- Após a secagem, deve ser colocado barbante nas máscaras.

Seguindo o plano de aula que contemplou as duas aulas seguintes, os alunos foram orientados a produzir máscaras de animais baseadas no livro trabalhado durante o momento do conto: *Visitando um zoológico*, de Madeleine Van der Raad e Reina Ollivier (Figura 20).



Figura 20: Ilustração do livro *Visitando um zoológico*, por Madeleine Van der Raad. 2012.

Fonte: <https://bit.ly/2RdqEoo>

Todos os materiais descritos no plano foram utilizados. Os alunos de ambas as turmas se mostraram atentos e interessados durante a parte teórica da aula, em que falei sobre máscaras, sua história, utilizações e significados. A parte prática correu bem, porém houve algumas dificuldades por parte dos alunos mais novos de realizar algumas partes da tarefa. Eles se mostraram mais dependentes de auxílio e apressados que no último exercício, pois queriam ter logo o resultado final para usar a máscara. Foi um pouco mais difícil realizar um exercício com tinta por causa disso, mas eles logo entenderam que deveriam esperar a secagem. Percebi que são bastante autocríticos, e por isso vários alunos queriam que eu praticamente fizesse a máscara toda pra eles, mas os orientei a fazer com calma e apenas cortei, para todos, a parte dos olhos por ser necessário o uso de um estilete. No fim todos fizeram máscaras muito interessantes e divertidas (Figura 21). Alguns alunos

produziram duas máscaras. Durante estas aulas a dificuldade motora dos alunos mais novos para manusear objetos como uma tesoura ficou mais clara, mas com auxílio todos conseguiram aprender a utilizar e cuidar dos materiais.



Figura 21: máscaras criadas pelos alunos da Escolinha de Criatividade. 2018. Arquivo pessoal.

AULA 4: CÁPSULA DO TEMPO

OBJETIVOS: Ao final da aula o aluno deverá ser capaz de compreender o conceito de cápsula do tempo, manusear os materiais propostos, pensar em desejos para um futuro próximo e realizar composições figurativas e abstratas que expressem suas vontades.

MATERIAIS: Papel pardo (em tamanho A4), giz de cera, giz pastel oleoso, recipiente para armazenar os desenhos.

- Explicar aos alunos o que é uma cápsula do tempo, como fazer uma, e discorrer sobre o tema;
- Conversar com os alunos sobre as vontades que eles possuem que ainda não foram realizadas, com base no livro trabalhado durante o momento do conto;
- Distribuir o material e pedir que cada um faça uma composição que represente uma vontade que eles querem realizar no futuro;
- Os desenhos serão guardados em recipientes separados por turma, e a data para abertura da “cápsula” será definida com os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: RIBEIRO, Jonas. *O Esconderijo das Vontades*. São Paulo: Callis, 2011.

Na última aula, com base no livro trabalhado no momento do conto, *O Esconderijo das Vontades* (Figuras 22 e 23), que falava sobre desejos, vontades e a coragem que precisamos para realizá-los, produzimos uma "cápsula do tempo". Em

relação ao plano, foram feitas as seguintes mudanças: No lugar de papel pardo usamos papel A4 preto, e para fazer a "cápsula" foi utilizado um envelope que ficou guardado na própria biblioteca, a fim de evitar poluição. Os desenhos das duas turmas foram guardados juntos. Após falar sobre o conceito de cápsula do tempo, conversei com os alunos sobre vontades que eles gostariam de realizar ainda em 2018 e depois pedi para que criassem composições individuais sobre essas vontades. As composições foram lacradas em um envelope que será aberto no último dia de aula, em dezembro.



Figuras 22 e 23: Exercício da cápsula do tempo. 2018. Arquivo pessoal

3.1.3 Análise da experiência na Escolinha de Criatividade

Gostaria de destacar alguns pontos significantes que percebi durante a minha experiência, tais como, por exemplo, a pequena quantidade de alunos da rede pública. Embora eles tenham preferência na matrícula, a maioria esmagadora dos alunos é estudante de escolas particulares e moradores da Asa Sul, principalmente dos arredores da escola. Isso me leva a refletir sobre o cuidado e a

divulgação que a Biblioteca Infantil recebe, pois eu mesma nunca havia ouvido falar dela. Mesmo sendo a única biblioteca infantil da cidade, em funcionamento há mais de 40 anos, ela não possui meios de divulgação como um website. Trata-se de um espaço de saber que poderia atender a mais crianças de diversos contextos sociais através de propostas de inclusão e divulgação dentro da própria rede pública de ensino, tornando o ambiente ainda mais enriquecedor.

É perceptível a relação entre o ensino realizado na Escolinha de Criatividade e as ideias de Lowenfeld (1977), em que o aprendizado da criança é realizado de maneira expressiva distante da ideia de “certo e errado”. É um aprendizado através da investigação e do estímulo sensorial. Considerando esses aspectos, é importante a maneira como os trabalhos são avaliados pelas professoras da Escolinha de Criatividade: no momento da matrícula todos os alunos passam por entrevistas com as professoras para que elas conheçam seus gostos, ideias e dificuldades, e a avaliação dos trabalhos e do progresso do aluno é feita com base nessas características individuais observadas, de maneira que não há um certo e um errado, mas sim um trabalho de desenvolvimento sensível e de identificação de uma estética própria.

Durante as aulas duas coisas me chamaram muito a atenção: a dificuldade motora dos alunos mais novos e as composições estereotipadas que eles reproduzem, como citado no caso da primeira aula, com a personagem “princesa loira de olhos azuis”. Fui levada a pensar em estratégias para incentivar a criatividade e incentivar a coordenação, assim como as professoras. Durante todas as aulas busquei fornecer aos alunos materiais pouco convencionais, como o papel preto, que foi objeto de questionamento dos alunos, e experimentei também fornecer cores que eu sabia que não seriam as primeiras que eles procurariam (os materiais bege, comumente usados para pintar a pele dos personagens, ficaram escondidos durante as aulas), e sinto que isso contribuiu para a criação de composições mais ricas e a uma compreensão diferente do desenho por parte dos alunos. Quanto à dificuldade dos alunos mais novos em manusear certos instrumentos, percebi que não só eles já deveriam saber utilizar, por exemplo, uma tesoura, como eles não apresentavam confiança pra isso. De acordo com as professoras, o trabalho de incentivar o aprendizado na hora de utilizar esse tipo de material é constante, e evita-se realizar esse tipo de tarefa para o aluno. Em um primeiro momento senti dificuldade de orientar a turma, pois os alunos se queixavam da dificuldade em

recortar, furar e amarrar, mas apesar da dificuldade e do tempo a mais de aula que se gasta nesse processo, é gratificante perceber que, pouco a pouco, eles criam coragem e passam a tentar realizar todas as etapas de maneira independente.

Para mim ficou clara a posição da Escolinha de Criatividade como um local que busca incentivar o respeito pelo próximo e pelo ambiente, e os alunos estavam todos em sintonia com essa ideia. Ambas as turmas eram muito unidas, e era comum ver os colegas se ajudando. Porém, o que mais me chamou a atenção no comportamento dos alunos foi o zelo pelo espaço, pois ao final de cada aula eles guardavam todo o material no local indicado e organizavam o espaço tirando o lixo que possa ter ficado na mesa e colocando os bancos em seus devidos lugares. O vínculo afetivo entre alunos, professores, funcionários e o espaço é forte, e a noção de cidadania é bastante trabalhada, assim como o respeito, e pude ver que todos esses fatores são de extrema importância no ensino e no aprendizado.

Outro fator que torna o ambiente da Escolinha de Criatividade rico é a presença sempre de duas ou três professoras: isso torna o trabalho muito mais tranquilo por ter sempre alguém para auxiliar, e dessa forma os alunos recebem maior atenção individual, melhorando a qualidade do ensino. Pude perceber também a importância do planejamento – e também de flexibilidade para aplicar o mesmo – para que o progresso da aula seja dado de forma fluida e eficiente, tornando o tempo mais bem utilizado e de maior qualidade.

4. PROPOSTA DE ENSINO

Com base na pesquisa realizada e na experiência descrita no capítulo anterior, apresento agora uma proposta de aula que utiliza o livro ilustrado como material de ensino. O objetivo principal dessa proposta é levar os alunos a efetuar ilustrações de maneira consciente sobre os elementos utilizados nas composições. Esta proposta foi desenvolvida pensando-se em alunos dos anos finais do ensino fundamental, podendo ser adaptada para outras faixas etárias a critério do professor, e é estruturada em 4 etapas: apresentação do autor e leitura do livro escolhido, debate acerca da história e ilustrações, criação de composições e avaliação dos resultados. É importante salientar a importância da escolha de um autor que apresente características que o aproximem da realidade dos estudantes, criando uma ponte entre a arte e o cotidiano que ajude os alunos a se identificar com a obra. Aqui proponho que, se possível, o autor seja da mesma cidade de onde a atividade será realizada.

OBJETIVOS: Ao final da aula os alunos deverão ser capazes de:

- Trabalhar em equipe na criação de uma ilustração feita com base em um texto;
- Realizar um desenho de grande proporção com os materiais sugeridos;
- Identificar diferentes aspectos da composição de uma imagem;
- Traduzir um texto através de imagens;
- Identificar aspectos na história e ilustrações do livro que se aproximem da realidade do estudante;
- Refletir sobre os diferentes estilos de desenho apresentados e de que maneira cada um ajuda na compreensão da história contada.

MATERIAIS SUGERIDOS*:

- Livro ilustrado à escolha do(a) professor(a);
- Papel tamanho A2;

- Lápis grafite;
- Borracha;
- Giz de cera;
- Lápis de cor;
- Canetas hidrocor;
- Revistas;
- Tesoura sem ponta;
- Cola.

*Os materiais podem ser alterados de acordo com a disponibilidade, sendo estes apenas sugestões. É importante que haja certa variedade de materiais criativos na realização da atividade.

ATIVIDADE: A ser desenvolvida no período de 2 a 3 aulas, dependendo do andamento da turma.

- Realizar com os alunos a leitura de um livro ilustrado de um autor brasileiro e/ou da cidade natal na qual a atividade será efetuada.

- Após a leitura deve-se contar brevemente sobre a história do autor e promover um debate acerca da história do livro e suas ilustrações, buscando levar os alunos a identificar aspectos das composições que ajudem a compreender a mensagem que está sendo transmitida: as imagens agregam informações ao texto ou apenas o representam? As imagens dependem do texto para que a história seja contada de maneira eficiente? De que maneira as cores utilizadas ajudam a contar a história? Os alunos conseguem identificar qual técnica foi utilizada na criação das ilustrações? Quais sentimentos e sensações são evocados pelas imagens, de acordo com a turma? Qual a opinião da turma sobre a escolha do autor? É possível identificar elementos que façam referência à arte ou cotidiano local nas imagens?

- Em seguida, deve-se realizar um sorteio de diferentes passagens da história para que os alunos as ilustrem em grupos, de forma que a história seja

completamente ilustrada. O tamanho do grupo deve ser definido de acordo com o número de passagens e o número de alunos.

- Após o sorteio e a formação dos grupos, o material deve ser distribuído entre os alunos, que criarão composições que ilustrem as passagens de texto recebidas de maneira coletiva. Cada grupo deve pensar em uma forma alternativa à do livro para contar o trecho através de uma imagem. Os estudantes devem ser encorajados a refletir sobre elementos formais que possam contribuir com a transmissão da mensagem.

- Ao final da atividade os desenhos devem ser colocados em ordem, seguindo a história, e expostos como um painel em uma parede da sala de aula. Após, deve ser promovido um segundo debate entre os alunos, que trate de questões referentes ao resultado obtido: como foi o processo criativo de cada grupo? Por qual motivo resolveram representar o trecho da maneira apresentada? O que influenciou a escolha de materiais? É possível compreender a história através das composições criadas? As imagens funcionam bem coletivamente? Quais são os sentimentos e sensações evocados pela sequência de imagens? Qual a opinião dos alunos sobre a atividade? O que eles aprenderam durante o processo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas de meu interesse ao longo da vida, como o Maravilhoso e a Literatura Fantástica, foram de grande importância para a realização desta pesquisa, ainda que pouco trabalhados durante minha graduação, mesmo em produções pessoais. Ao final do curso, motivada por alguns professores, resolvi explorar mais esses temas, resultando em minha monografia de bacharelado e, em seguida, nesta de licenciatura. Fui levada a pensar em como esses assuntos poderiam se encaixar dentro de um contexto escolar de ensino, e através de algumas experiências, como a exposta no capítulo 3, tive a oportunidade de ter contato direto com práticas que utilizam o livro ilustrado como instrumento de ensino.

As investigações realizadas nesta monografia resultaram em reflexões acerca da quantidade de informações visuais que podem estar presentes em um livro ilustrado, não apenas no interior de suas páginas, como em sua capa, forma e material. Trata-se de um material único, com uma imensa liberdade de temas e formatos e conseqüentemente uma larga gama de possibilidades de uso no contexto de ensino. É um objeto de aprendizado bastante relevante, pois trata-se possivelmente de um dos primeiros contatos da criança com a palavra escrita apresentada em um suporte que permite a observação e interação cuidadosas.

O livro ilustrado é uma via de acesso à educação visual presente na realidade escolar de muitos, e permite a exploração de estilos, temas e interpretações diversas trazidas pelos autores e ilustradores. Entendo como uma maneira de desenvolver o olhar sensível e crítico dos alunos, com potencial para ser trabalhado em todas as idades. Infelizmente, julgo haver poucas pesquisas acerca da utilização do livro ilustrado como material de ensino em sala de aula, sendo um tema que carece ainda de muito estudo. Esta monografia apresenta alternativas de trabalhar esse material com os alunos, buscando utilizar uma linguagem mais próxima à da realidade infantil e ampliar o vocabulário visual e o interesse dos alunos em relação às artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Artes, 2007.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARELLI, Deise; DE AQUINO, Layla Martins. *O livro infantil: a percepção por trás das ilustrações*. ECCOM: Revista de Educação, Cultura e Comunicação dos Cursos de Comunicação Social do Centro Universitário Teresa D'Ávila. Lorena, v. 4, n. 8, 2013.

DE OLIVEIRA, Ieda. *O que é qualidade de ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.

DISTRITO FEDERAL (BRASIL). Secretaria de Estado de Educação. *Projeto Político-Pedagógico – Biblioteca Infantil 104/304 Sul/Escolinha de Criatividade*. Brasília, 2017.

GOLDSMITH, Evelyn. *Learning from illustrations: factors in the design of illustrated educational books for middle school children*. In: *Word & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*. v. 2. v. 2. 1986.

HOLLANDS, Howard. *Tim Rollins and K.O.S: A history*. In: *The ArtBook*. v. 17. n. 4. Londres: Middlesex University, 2010.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MASTROBERTI, Paula. *Escutando as paredes e vendo através delas: a aquisição do conhecimento estético através da leitura do livro ilustrado*. In: *Revista Signo*. v. 35. n. 58. UNISC. Santa Cruz do Sul: 2010.

MASTROBERTI, Paula. *O livro como objeto predisposto à interdisciplinaridade*. In: *Revista Gearte*. v. 1. n. 2, Agosto/2014. UFRGS. Porto Alegre: 2014.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PALO, Maria José. *A ilustração na produção literária infantil: interdependência palavra e imagem*. *Revista FronteiraZ*, Número 6, Abril de 2011, ISSN 1983-4373. PUC. São Paulo: 2011.

PASCOLATI, Sonia. *Ilustração na literatura infantil*. Revista *Acta Scientiarum*. Volume 39, Número 3, Julho/Setembro de 2017, ISSN 1983-4683. Universidade Estadual de Maringá. Maringá: 2017.

POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PRANDINI, Regina. C. A. R. *Arte na escola: para quê?* São Paulo, 2000.

REIKER, Melissa. *The use of picture books in the high school classroom: a qualitative case study*. Rollins College. Florida: 2011.

SILVA, Mayara Suellen de Araújo. *Livro e imagem: uma abordagem do livro como objeto de arte no ensino fundamental*. UFRN, Natal, 2015.

VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ZIMMERMANN, Anelise; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. *Ilustrações de livros infantis no ensino de artes*. In: XVI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2007. I Congresso Educação, Arte e Cultura, 2007.